

CONTEMPLAÇÃO E SABEDORIA NOS *CÂNTICOS* DE CECÍLIA MEIRELES

Constança Marcondes Cesar

Universidade Federal de Sergipe

Avenida Marechal Rondon, S/n - Jardim Rosa Elze, São Cristóvão - SE, 49100-000, Brasil

(55) 79 2105-6600 | cmarcondescesar@msn.com

Resumo: Nos pensadores originários, na aurora da filosofia grega, o dizer sobre a *physis* era apresentado através de poemas. Assim incitavam seus contemporâneos a buscarem sabedoria entendida como um contemplar, no aparecer, o significado essencial que une a totalidade do existente. Na poesia de Cecília Meireles, o dizer em versos expressa um contemplar que permite apreender a vida sob o aspecto da eternidade. Nos *Cânticos*, contemplação e sabedoria são tecidas juntas, exemplificando essa nota dominante de seu poetar.

Palavras-chave: Cecilia Meireles, sabedoria, poetar-pensante.

Abstract: The first philosophers, in the beginning of the Greek philosophy, have presented this thinking through poems; they invited its contemporaries to search the wisdom as a contemplation, under the phenomena, their essential signification: the unity of all existents. Cecilia Meireles' poetry enable the contemplation of the life under the perspective of the eternity; on this poem *Chants*, contemplation and wisdom are weaved together, as an example of his poetry.

Key-words: Cecilia Meireles, wisdom, poetic thinking.

Em uma entrevista publicada por uma revista brasileira de grande circulação, Cecília Meireles fala do sentimento da precariedade do existir, mas também da beleza do mundo, do silêncio e da solidão que caracterizaram sua infância. Encantada com livros, partituras, canto, violino; mas também com a Grécia e o Oriente das línguas, história, filosofia.

Entre 1940 e 1958, a poetisa viajou muito, lecionando Literatura e Cultura Brasileira no Texas e fazendo conferências no México, Uruguai, Argentina, Açores, Índia, Porto Rico, Israel. Foi sócia honorária do Gabinete Português de Leitura no Rio, do Instituto Vasco da Gama em Goa, Doutora Honoris Causa da Universidade de Delhi; recebeu o grau de Oficial da Ordem do Mérito no Chile.

Escreveu peças de teatro, prosa poética, crônicas; traduziu Rilke, Lorca, Tagore, dentre outros poetas. Sua poesia inspirou composições musicais de autores populares como Chico Buarque, Aldir Blanc, Fagner; mas também de compositores eruditos como Camargo Guarnieri, Mignone, dentre outros. A musicalidade da poesia de Cecília aparece todo o tempo em seus escritos.

Experiência de solidão e de liberdade, de encontro com a vida do espírito, sua obra tem pontos de acordo com a tradição do pensar originário da Grécia e com os grandes poemas sagrados indianos, com a poesia e a obra de Tagore, que desvenda no cotidiano o pulsar do eterno.

Na tradição grega, na qual ela explicitamente se inspira, os “mestres da verdade” são os adivinhos e os poetas, mas também os filósofos¹. É a primeira vertente à qual ela se atém.

Nas lâminas de ouro órficas², encontradas nos túmulos de iniciados órficos, as instruções para a viagem no além-túmulo, que possibilitariam a libertação das encarnações sucessivas, a purificação da alma era obtida pela filosofia (*Mousiché*) “constituindo o conjunto de experiências intelectuais às quais as Musas, filhas da Memória, presidem”³.

Se Orfeu, ancestral mítico dos “Mistérios” e da poesia, faz do canto aquilo que possibilita ultrapassar a barreira da morte, unindo os opostos: vida e morte – numa

¹ DETIENNE, M. *Les maîtres de vérité dans la Grèce archaïque*. Paris: La Découverte, 1990.

² CARATELLI, G. P. *Les lamelles d'or orphiques*. Paris: Belles Lettres, 2003, *passim*.

³ Id., *ibid.*, p.20. Também Platão se refere, no *Fédon*, à filosofia como “arte das Musas”, “música suprema” (*Fédon*, I, 61 a-b).

totalidade, são os “pensadores originários”⁴ – Parmênides, Heráclito – que buscam a sabedoria, entendida como apreensão da totalidade una.

Na mais antiga tradição filosófica, representada pelas figuras emblemáticas de Parmênides e Heráclito, o pensar sobre a *physis*, a natureza, era dito em versos.

Parmênides distinguia dois caminhos: o da verdade (*episteme*) e o da opinião (*doxa*) baseada nas evidências empíricas. Para ele, filosofia é o saber sobre o Ser inteligível e se opõe à opinião da maioria.

O caminho ascendente, descrito no poema, é seguido pelos que amam a justiça e a verdade (fr.1) e escolhem a razão como via para pensar o Ser e suas características: não-divisibilidade, permanência. Idêntico a si mesmo, o ser é pleno, imóvel, sem início nem fim, sem nascimento ou morte (fr.8).

O caminho de *opinião* é o que afirma as oposições: nascimento e morte, ser e não-ser, mutação, como absolutamente verdadeiras.

Heráclito pertencia a uma família de sacerdotes, ligada às cerimônias dos Mistérios de Elêusis. Temas centrais dos fragmentos do pensador são: a sabedoria consiste na fusão do *logos* do indivíduo com o *Logos* do universo; a afirmação da unidade dos contrários, pela sua convertibilidade. (fr. 60,62,76,88); a proposição de um caminho que se afasta daquele do homem comum, pois o sábio prefere o eterno ao perecível, enquanto o homem comum se satisfaz com o efêmero (fr.28).

Denominadores comuns unem os dois pensadores gregos: para eles, a via da razão é a que apreende a realidade essencial, na qual os opostos se encontram indissociavelmente unidos, numa totalidade. Ser sábio é ver através da razão, superando a opinião comum, centrada nas evidências empíricas. Ser sábio é sondar o invisível, é ver a totalidade do existente do ponto de vista do eterno, dos deuses.

Na vertente grega do pensar, em Heráclito, assim como em Parmênides, o caminho da sabedoria é o caminho em direção aos deuses. Para Heráclito, o fogo é a metáfora da *razão*, no homem, e do *Logos* que perpassa o universo, eternamente vivo. É apreensão da imutabilidade e permanência do Ser, em Parmênides.

Para Heráclito e Parmênides, o dizer filosófico se faz através de poemas. Mas o recurso ao verso, em Parmênides, não é um dizer que se refere apenas ao mito. Através do poema, o que se mostra é a busca da verdade, a sabedoria daquele que se

⁴ CARNEIRO LEÃO, E. e WRUBLEWSKI, S. (introdução e tradução). *Os pensadores originários: Anaximandro, Parmênides, Heráclito*. Petrópolis: Vozes, 1991. Ver também: BORHEIM, G. (org.) *Os filósofos pré-socráticos*. S.P.: Cultrix, 1967, pp. 35-46; 53-59; *Les pré-socratiques*. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, pp.129-187, p.233-272.

distancia da adesão imediata e exclusiva ao sensível, para compreender o real na perspectiva do eterno. A linguagem é poética; recorre a metáforas e a imagens; mas o que é dito, “embora conserve a métrica e os modos da poesia tradicional, se enche de conteúdos novos (da ética à teologia, da política às ciências naturais”⁵.

Desde as origens do pensamento filosófico grego, a reflexão sobre o mundo o apreende como “uma realidade única, imutável, no interior da qual decorriam as vicissitudes das coisas em devir e mudança. Não duas realidades (...) mas uma só realidade, que pode ser entendida de dois pontos de vista: o da totalidade e da unidade, o da particularidade e da multiplicidade”⁶.

Esta concepção, presente em Parmênides, se expressa como uma reflexão original sobre os métodos e os discursos usados para falar sobre os dois aspectos do real.

O poema de Parmênides está dividido em duas partes: no primeiro fragmento, o filósofo narra uma viagem que o conduz à presença da deusa, que fez a ele uma revelação: a perspectiva da totalidade, que mostra a verdade, abarcando o fundo imutável, mas também a experiência do homem comum.

Assim, o conhecimento, a sabedoria que Parmênides procura engloba, “para a deusa, todo o campo do saber humano, *quer* o que a deusa chama de verdade, *quer* o que chama de experiência”⁷. Só o caminho da sabedoria possibilita alcançar a *pistis alethés*, a certeza verdadeira.

O discurso que conduz à apreensão da verdade acerca da totalidade una, é o da filosofia; o discurso que conduz à apreensão da realidade como multiplicidade, é o da *doxa*.

Daí Casertano dizer: “A novidade da obra de Parmênides reside [em] estabelecer” que *episteme* e *doxa* “são dois *métodos* diferentes de ler a mesma realidade e (...) na *justificação lógica* das suas afirmações”⁸. O saber do humano, para Parmênides, segundo Casertano, não contrapõe a “verdade da razão” e ‘opiniões enganadoras’ (...) “o saber do homem tem que englobar ambos os campos: o “discurso verdadeiro (...) e o discurso sobre as experiências”⁹. Este último discurso, baseado na empiria, não tem o mesmo grau de verdade do discurso filosófico, baseado em princípios lógicos, “discurso coerente”, fundado na reflexão.

⁵ CASERTANO, G. *Os pré-socráticos*. São Paulo: Loyola, 2011.

⁶ Id., *ibid.*, p.84.

⁷ Id., *ibid.*, p.86.

⁸ Id., *ibid.*, p.87.

⁹ Id., *ibid.*, p.101.

O que importa, para o sábio, é conhecer os dois discursos e privilegiar o que torna possível a apreensão do real como totalidade, isto é, a filosofia.

Posição análoga é encontrada em Heráclito, que propunha a harmonia dos opostos e fazia a crítica da opinião comum e dos saberes tradicionais. Heráclito emprega, “frequentemente, as metáforas da cegueira e da surdez, como fizera Parmênides, para indicar a incapacidade de compreensão do sentido autêntico da realidade”; utiliza também, no mesmo sentido, as metáforas “do sono e da ausência”¹⁰.

A característica da filosofia de Heráclito é procurar a lei fundamental que regula a sucessão das coisas, buscando “a razão pela qual tudo é governado através de tudo”¹¹.

Um dos aspectos importantes de sua reflexão é a afirmação da tensão e da unidade dos contrários. Para ele, o caminho da sabedoria é o que leva a perceber a unidade e a convertibilidade dos opostos. O sábio vê, pela inteligência, a lei “que regula o acontecimento de todas as coisas (...) O *logos* é a lei universal dos acontecimentos (...) é simultaneamente a explicação racional desta lei (...), compreensão do mundo eterno (...), efeito da tensão dos opostos (...) é a conquista difícil que o homem pode obter apenas se abandonar a visão limitada e particular das coisas”¹².

Em ambos, Parmênides e Heráclito, a filosofia é um ver, que abarca a totalidade do real e ensina um caminho, um método, que orienta a *compreensão* e a *ação*.

A outra vertente do poeta-pensante de Cecília é a tradição oriental, encontrada na leitura dos antigos textos sagrados, pelos quais sempre se interessou, conforme seu próprio depoimento concedido ao jornalista Haroldo Maranhão, em Belém do Pará, em 1949¹³.

Cecília não diz quais são exatamente essas fontes; mas faz referência a “clássicos orientais”; conhece a obra de Gandhi e traduziu Tagore, dedicando a eles poemas como “Cançãozinha para Tagore” e “Mahatma Gandhi”, publicados no livro *Poemas escritos na Índia*¹⁴; faz também uma comunicação sobre a obra de Gandhi, em congresso na Índia em 1953; escreveu sobre Gandhi numa obra intitulada *Quatro*

¹⁰ Id., *ibid.*

¹¹ HERÁCLITO, *apud* CASERTANO, G; *op. cit.*, p.102.

¹² CASERTANO, G; *op. cit.*, p.107.

¹³ DAMASCENO, D. “Notícia biográfica e bibliográfica” in MEIRELES, C. *Poesia Completa*. RJ: Nova Aguilar, 1984, p.89.

¹⁴ MEIRELES, C. *op. cit.*, p.709 e 734.

*apóstolos modernos*¹⁵ e sobre Tagore, um folheto em 1961, em inglês, editado pela Brazilian National Commission for UNESCO¹⁶.

Gandhi viveu de 1869 a 1948, quando foi brutalmente assassinado; Tagore viveu de 1861 a 1941; são pois contemporâneos e exprimem de modos diversos a releitura da tradição dos grandes textos sagrados indianos: os Vedas, os Upanishades, o Bhagavad-Gita.

Cecília visitou a Índia em 1953. Os dois – Tagore, o poeta e Gandhi, o pensador – já estavam mortos. Mas escrevendo sobre eles, na viagem à Índia, a poetisa resume o significado de suas obras, em belos poemas.

Gandhi provinha de uma família rica e instruída; estudou na Índia e na Grã-Bretanha. Retornou à Índia para atuar em favor dos mais pobres, sob a influência da grande tradição dos textos sagrados, mas também de Ramakrishna (1836-1886), sacerdote, místico e filósofo que tratava de revitalizar o hinduísmo e de explicitar a universalidade da contribuição do pensamento indiano. Gandhi inspirou-se também em Vivekananda (1863-1902), pensador impregnado pelas filosofias européia e indiana, que afirmava a necessidade de uma religião racional, que libertasse os homens. *Místico*, falava sobre a importância do serviço ao outro; *asceta*, queria desvendar a essência da alma; *cientista*, buscava inspirar a ação e conciliar razão e fé. Precedendo imediatamente Gandhi, a figura importante é a de *Tagore*. Filho e neto de príncipes, tornou-se célebre por sua obra teatral e por sua poesia, expressões de um profundo amor e “comunhão com a natureza, reveladora de Deus”¹⁷. Tagore vê a unidade da humanidade, na diversidade das culturas, complementares entre si.

Gandhi se inspira nessa grande tradição indiana, mas também em Tolstói, Ruskin, Thoreau, nos Evangelhos. O ideal de Gandhi “é a realização da felicidade no mundo, através de uma vida simples [devotada] ao conhecimento da verdade”, ao amor que implica a não-violência: *Ahimsa*, a paz a todos os seres. As virtudes da coragem, da modéstia, da liberdade são exaltadas por ele¹⁸. Diz Olivier Lacombe:

A originalidade (...) de Gandhi consiste essencialmente no modo que ele soube transpor a não-violência segundo a grande tradição indiana, do campo da moral pessoal para o da ação política¹⁹

¹⁵ Id. *Quatro apóstolos modernos*. São Paulo: Donato Ed., s/d.

¹⁶ DAMASCENO, D. in. MEIRELES, C., op. cit., p.96-97.

¹⁷ BOULIER-FRAISSINET, J. *La philosophie indienne*. Paris: PUF, 1961, p.106.

¹⁸ Id., *ibid.*, p.108 e segs. Ver também: LASSIER, S. *Gandhi et la non-violence*. Paris: Seuil, 1970; GANDHI, M.K. *Tous les hommes sont frères*. Paris: Gallimard, 1969.

¹⁹ LACOMBE, O. “Préface” in GANDHI, M.K. *Tous les hommes sont frères*, p. 9.

De que modo Gandhi e Tagore convergem? Poeta místico, Tagore “foi aclamado por Gandhi como ‘o grande mestre’ e reconhecido por todos os indianos como ‘o sol da Índia’.” Diz Ivo Storniolo:

Desde a adolescência [Tagore] foi capaz de ver e proclamar a grandeza que se esconde na pequenez [e nos] grandes paradoxos: triunfo na derrota, beleza no feio e [na] amizade (...) que Deus tem pelos pobres, humildes e perdidos, como fica evidente no *Gitanjali (Oferenda Lírica)*, obra que o fez reconhecido mundialmente²⁰.

A obra de Tagore faz-nos descobrir “a maravilha que é existir como ser humano”, tornando-nos capazes de contemplar o mistério em nós, no deslumbramento pela vida, diz Storniolo²¹.

Tagore, místico e poeta, também é pensador. Um exemplo da sua reflexão pode ser encontrado na obra *Sadhana*²², que reúne oito conferências a propósito dos *Upanishads*. Nelas, mostra que a beleza, a verdade e o amor são caminhos da realização do homem e de seu destino de união com Deus. Apresentadas em Harvard, a convite do Prof^o. James Woods, foram traduzidas do bengali por amigos de Tagore e por seu sobrinho. Expressam a ideia de que o homem é uno com o mundo no qual se inscreve, exprimindo a “plenitude da (...) comunhão com todas as coisas”²³; mas é também separado de tudo, como indivíduo. O ser duplo do homem deve, para se realizar, enraizar-se no universal “O *eu sou* individual atinge seu perfeito fim quando realiza a sua liberdade de harmonia no *eu sou* infinito”²⁴.

O caráter paradoxal “da coexistência do infinito com o finito”²⁵, da união dos opostos na harmonia do todo, se resolve através do amor: “unidade da nossa alma com o mundo e da alma do mundo com o supremo amante”²⁶.

A contemplação maravilhada do mundo permitindo aí entrever uma dimensão espiritual, que caracteriza Tagore, também está presente na poesia de Cecília. Exemplo claro é sua visão extasiada do mais banal, fazendo-nos aí perceber a beleza do mundo, dos seres humanos, das coisas.

Solidão, silêncio e contemplação extasiada caracterizam os dois poetas: Tagore e Cecília.

²⁰ STORNILO, I. “Prólogo” in TAGORE, R. *Gitanjali*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. VI-VII.

²¹ Id., “Prólogo” in TAGORE, R. *Passos Perdidos*. S.P: Paulinas, 1991, p.VI.

²² TAGORE, R. *Sadhana. O caminho da realização*. São Paulo: Paulus, 1994.

²³ Id., *ibid.*, p. 61.

²⁴ Id., *ibid.*, p.75

²⁵ Id., *ibid.*, p. 81.

²⁶ Id., *ibid.*, p. 99.

De que modo se encontram, na poesia de Cecília, as duas grandes tradições: a grega, do Ocidente, a indiana, do Oriente?

No poetar-pensante que descobre na beleza, no amor ao mundo e às coisas, a presença da divindade.

As analogias entre o pensar da Grécia originária e o poetar-pensante e devocional da Índia são surpreendentes. Na Grécia é pela razão e pela argumentação que se expressam as teses da unidade dos contrários, o homem e o mundo, e da presença da divindade no todo. Na Índia, na poesia e na reflexão de seus sábios, as notas dominantes são o amor, a reverência e o maravilhar-se perante o mundo, no qual palpitam a beleza e o sagrado.

Essa dupla vertente, Grécia e Índia, perpassa a poesia de Cecília; ela está encantada, como Tagore, com o esplendor que se patenteia no cotidiano. Esse esplendor é paz, música, harmonia. Mas é também algo a ser contemplado a partir de uma perspectiva mais alta, que impede a adesão imediata ao sensível, para apreendê-lo como a totalidade una, em que o manifesto é o reverso da divindade presente em tudo.

O caminho da sabedoria é o que mostra esse distanciamento como *liberdade*, libertação de luta dos contrários: vida e morte, dor e alegria, sagrado e profano; como *compreensão* da totalidade una; como *realização* daquilo que se é, intrinsecamente.

Essa perspectiva impregna diversos poemas de Cecília, desde *Viagem*, poemas escritos entre 1929-1937, onde se lê: “Deixa-te balançar entre a vida e a morte, sem nenhuma saudade (...). Não é preciso fazer nada, para se estar na alma de tudo”.²⁷ Ou ainda:

“Por que pensar em qualquer coisa
se tudo está sobre a minha alma:
vento, flores, água, estrelas
e músicas de noite e albas?²⁸”

A mesma perspectiva está magistralmente expressa nos *Poemas escritos na Índia*²⁹ e também em *Poemas de Viagens*³⁰, nos quais há referências à Índia e seu povo, bem como a “Elegia sobre a morte de Gandhi” e o “Cântico à Índia Pacífica”, no qual se acham os esplendidos versos:

²⁷ Id., “Êxtase” in id., *Viagem.O.C.*, p.129

²⁸ Id. *Vaga Música*, O.C.p.199.

²⁹ Id., *O.C.*, p.699-748. Já examinamos o tema em nosso texto: “O orientalismo da Cecília Meireles” in MARCONDES CESAR, C. *Papéis Filosóficos*. Londrina: UEL, 1999, p. 103-112.

³⁰ MEIRELES, C.O.C., p. 1332-1339.

Os que nunca te viram,
de longe, por ti perguntam
ó Índia remota (...)
com a esperança de quem vê em ti
uma transcendente pátria³¹.

E ainda no poema “Dança Cósmica”³²:

Nataraja, o senhor dos Dançarinos
dança no centro do universo (...)
Nataraja dança, invisível e visível (...)
a vida ilusória e o sonho imortal”.

Mas é nos *Cânticos*, do qual conhecemos a edição de 1993, nas *Obras Completas*³³, que estão sintetizadas poesia e filosofia, sentido ético da existência e via ascensional em direção ao sagrado.

Dedicado à *liberdade*, sopro do espírito que desfaz a adesão imediata ao efêmero e mostra o eterno em nós, *Cânticos* é composto de 26 poemas, nos quais Cecília, assumindo o papel de mestra a iniciar um discípulo – no caso, todos os seus leitores – faz recomendações que possibilitam o distanciamento do viver o imediato e o assumir a existência na perspectiva do sagrado.

Uma hipótese, da Profa Luisa Amalato, pareceu-me muito interessante: escritos em 1927, os *Cânticos* são a fala de Cecília mestra de uma iniciação, *daimon* de Cecília, à jovem Cecília, propondo caminhos, programa de vida a ser realizado. A nosso ver, o desdobramento, nos poemas de Cecília em mestra e discípula de si mesma, não exclui o fato de a poetisa dirigir-se também a seus leitores, tornando-nos todos seus discípulos.

A primeira recomendação, no poema I, é não ter pátria, posses, mas escolher a perspectiva mais alta, que abarca todos os horizontes. Esse olhar nos devolve tudo o que aparentemente perdemos: a pátria, as posses diluem-se na adesão à totalidade do existente.

A segunda recomendação, no poema II, é o convite para superar o tempo, reconhecendo-nos em todas as vidas e todas as mortes, vivendo ao modo de eternidade: contínuo passar, perene mudança. O tema reaparece no poema VI, como veremos mais adiante.

³¹ Id., *ibid.*, p. 1336.

³² Id., *ibid.*, p.1338.

³³ Id., *ibid.*, São Paulo: Nova Aguilar, 1993, 4ª edição, p.1408-1419.

A terceira recomendação, no poema III é: não dizer “palavras vãs. As palavras do mundo”; recusando “a vaidade do falar”. Trata-se de permanecer “completamente silencioso. /Até a glória de ficar silencioso, /Sem pensar”. Silêncio que é plenitude, esvaziamento da mente, esvaziamento de si, para dar lugar ao divino em nós³⁴.

O tema reaparece no poema IX, que mostra o enganoso dos sentidos e afirma que há uma “verdade silenciosa” dentro de nós, “a Verdade sem palavras”³⁵; reaparece também no poema XII³⁶, quando a poetisa diz: “Não fales as palavras dos homens (...) Faze a tua palavra perfeita. / Dize somente coisas eternas”³⁷.

No poema IV, Cecília indica que devemos nos abandonar à “música da vida”, ao seu encantamento, á identificação com “a alma infinita de tudo”, trocando o “curto sonho humano/Pelo sonho imortal”³⁸. E ainda, no poema V, como já fora dito na tradição dos Mistérios e de Platão, Cecília assegura que o corpo é “um fardo (...) prisão de pedra” que precisa ser destruída, para dar lugar à identificação com o infinito, com “o grande sopro/ Que circula”³⁹.

A poetisa afasta o temor da morte, mostrando que morremos e renascemos muitas vezes, ao longo de uma mesma vida, “no amor./ Na tristeza./ Na dúvida. / No desejo”. Morremos até percebemos, sob a mudança, a permanência do ser. Diz Cecília, no poema III :

“és sempre outro (...) és sempre o mesmo (...)
morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno”⁴⁰.

O tema reaparece, modificado ligeiramente, no poema XI, quando a poetisa assinala que a identificação com a totalidade do mundo e seus elementos, impede que estes se tornem ameaçadores ou inóspitos⁴¹.

A recomendação presente no poema VII, é o desapego em relação ao amor. Aí Cecília diz:

Não ames como os homens amam.
Não ames com amor.

³⁴ Id., *ibid.*, p.1409-1410 (poema III).

³⁵ Id., *ibid.*, p.1412.

³⁶ Id., *ibid.*, p.1413.

³⁷ Id., *ibid.*.

³⁸ Id., *ibid.*, p.1410.

³⁹ Id., *ibid.*, p.1410-1411.

⁴⁰ Id., *ibid.*, p.1411.

⁴¹ Id., *ibid.*, p.1413.

Ama sem amor.
Ama sem querer.
Ama sem sentir (...)
Sem esperar (...) ⁴²,

sem nos inquietarmos para onde o amor nos conduz: à felicidade, à morte, a algum lugar.

Amor, diz ela, é deixar-se levar, deixar fluir, sem tentar aprisionar o que é amado, nem aprisionar-se nele. A recomendação é que não nos identifiquemos com finito, mas, buscando o infinito, amemos o imperecível, o que permanece o mesmo, apesar do fluir.

O tema reaparece nos poemas XV, XVI e XVII ⁴³ quando Cecília diz:

“Não queiras ser (...) a Eternidade é muito longe.
dentro dela tu te moves, eterno.
Sê o que vem e vai” ⁴⁴.

Este é o caminho proposto pela grande tradição, que fala pela voz de Cecília: “Este é o caminho de todos os que virão” ⁴⁵; é o caminho sem pressupostos, para que possamos ser “o de todos os caminhos” ⁴⁶, fazendo-nos “à imagem do mar” ⁴⁷. E ainda:

Não há mundos nem caminhos
Para o que é maior que os caminhos
E os mundos. (...)
Circulas em todas as vidas
Pairas sobre todas as coisas (...) ⁴⁸.

O tema reaparece nos poemas XX, XXI, XXII, quando a poetisa recomenda que o discípulo se volte para si mesmo, identificando-se com o que vem de longe e no qual fim e começo coincidem. Sugere que se volte para a totalidade, que é sempre a mesma e sem mudança, que o homem comum não pode apreender ⁴⁹: a mutação eterna e a imobilidade são o mesmo.

Os homens comuns oferecerão ao discípulo riquezas, beleza, amor; perguntarão por sua alma (poemas XIV, XVII, XVIII); rugirão de dor, temor e desejo ⁵⁰.

⁴² Id., *ibid.*, p.1411-1412.

⁴³ Id., *ibid.*, p.1414-1415.

⁴⁴ Id., *ibid.*, p.1414, poema XV.

⁴⁵ Id., *ibid.*, p.1412, poema X.

⁴⁶ Id., *ibid.*, p.1417, poema XVIII.

⁴⁷ Id., *ibid.*, poema XXII.

⁴⁸ Id., *ibid.*, p.1416.

⁴⁹ Id., *ibid.*, p.1416-1417.

⁵⁰ Id., *ibid.*, p.1414,-1416.

Mas o discípulo, que renunciou a tudo – pois alcançou a perspectiva da totalidade – vê com os olhos da sabedoria, apreendendo o segredo da unidade entre o visível e o invisível. Assim, recusa tudo, toda posse, porque sabe que está sempre em tudo: “Sem forma. Sem termo”⁵¹ mostrará ao homem comum apenas a curva do seu voo⁵². Cecília diz a quem busca o caminho da sabedoria:

“Sê o que renuncia

Altamente:

Sem tristeza (...) sem orgulho”⁵³,

e assinala o resultado da grande renúncia:

“Verás o que vias:

Mas (...) verás melhor”⁵⁴.

Os últimos poemas, que encerram o livro, ecoam o percurso da sabedoria perfeita: após a contemplação maravilhada do sensível, a atuação no mundo – embora sempre conservando o distanciamento que permite a compreensão da totalidade una – a última etapa a ser cumprida é a do *renunciante*, a daquele que por amor à totalidade, tudo abandona e se retira, identificando-se com a divindade, na contemplação extática.

Dois modos de conceber a sabedoria, presentes na obra de Cecília: na vertente grega, pela afirmação do valor da razão, presença do deus em nós; na vertente indiana, pelo desapego e pelo amor, identificação com a totalidade divina.

Nas duas tradições, a complementaridade entre o visível e o invisível, a contemplação de unidade do todo, a afirmação de convertibilidade dos contrários.

Na poesia de Cecília, herdeira dessas duas tradições, o contemplar encantado do esplendor do mundo dá lugar, finalmente, à renúncia, que oferece ao caminhante a inscrição na totalidade e no fluir identificado com o eterno.

A existência assim percebida está além dos opostos: vida e morte, dor e alegria. Alcança a perfeita liberdade, mencionada na *oferenda* que abre os *Cânticos* e que de certo modo sintetiza todo o percurso do discípulo.

Na poesia de Cecília Meireles, a música dos versos está associada a uma forma de ver que convida a trilhar uma via ascensional, como os antigos mestres da sabedoria propuseram. Para ela, o dizer em versos exprime um contemplar que permite

⁵¹ Id., *ibid.*, p.1414 (poema XIV).

⁵² Id., *ibid.*, p.1415 (poema XVII).

⁵³ Id., *ibid.*, p.1418 (poema XXV).

⁵⁴ Id., *ibid.*, p.1419 (poema XXVI).

apreender a vida sob o aspecto da eternidade: como caminho que conduz ao próprio centro, à liberdade. Nos *Cânticos*, contemplação e sabedoria são tecidas juntas, exemplificando essa nota dominante de seu poetar. Os *Cânticos* são caminhos.